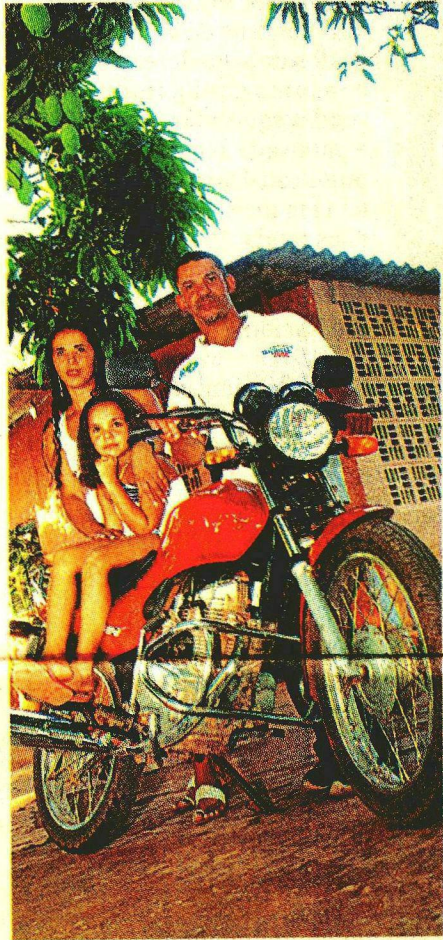


Quando o Brasil **CRESCER...**

MUDANÇA  
PUXADA  
PELA  
RENDA

EMPREGO, CRÉDITO,  
SALÁRIOS E ATÉ O BOLSA  
FAMÍLIA AJUDARAM A  
RESTABELECER O  
MERCADO, MAS  
ALGUNS INSTRUMENTOS  
ESTÃO NO LIMITE

Gustavo Moreno/Especial para o CB



A FAMÍLIA DE ROBÉRIO JÁ PASSOU FOME,  
MAS AGORA COMPROU ATÉ MOTO

VICENTE NUNES E  
EDNA SIMÃO  
DA EQUIPE DO CORREIO

A incorporação de milhões de novos consumidores puxou a demanda, o que incentivou as empresas a contratarem mais trabalhadores para aumentarem a produção. O impacto no mercado de trabalho foi gigantesco. Não é à toa, assinala o economista-chefe do Banco ABC Brasil, Luís Otávio de Souza Leal, que estão se criando tantos empregos formais no país. Serão mais de 2 milhões em 2007, um recorde. “É impressionante como o mercado de trabalho está reagindo favoravelmente ao crescimento econômico”, afirma Nuno Câmara, economista do Dresdner Bank. Entre 1995 e 2002, foram abertas 33 mil vagas por ano com carteira assinada. Em 2003, foram 667 mil empregos. De 2004 a 2007, a média anual de vagas saltou para 1,298 milhão. “É essa uma das razões para o consumo das famílias se expandir há 16 trimestres consecutivos”, destaca Cristiano Souza, economista do Banco Real ABN Amro.

O casal Robério Silva, 31, e Telma Fernandes, 29, só comprova o que os economistas atestam por meio dos números. Há um ano e meio, os dois estavam desempregados no interior da Bahia. “Mal conseguíamos sustentar nossas duas filhas, Roberta, 11, e Rafaela, 6”, conta Telma. Diante de tanto aperto, o casal resolveu se mudar para Brasília. De início, cortaram um dobrado. Mas hoje os dois fazem questão de mostrar as carteiras assinadas, ambos como caseiros de uma chácara. A renda da família é de R\$ 1,1 mil. Metade, comprometida com o pagamento de prestações de uma estante, um jogo de sofá e uma mesa de cozinha que Telma comprou em seu nome, e com as mensalidades de uma moto que Robério cuida como se fosse o terceiro filho.

“O crédito é outra das alavancas que têm sustentado a atual mobilidade social. É um complemento de renda importantíssimo”, afirma o pesquisador Fernando Gaiger Silveira, do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea). De 2003 para cá, os financiamentos a pessoas físicas praticamente triplicaram, passando de R\$ 300 bilhões, sem contar os empréstimos para a compra da casa própria. A essa alavanca deve se somar, ainda, a forte recuperação do salário mínimo, que está em US\$ 200 (R\$ 380) por mês e faz a alegria dos comerciantes das regiões mais pobres, sustentadas pelos benefícios pagos pela Previdência Social a quase 20 milhões de aposentados.

“É por isso que o PIB da Paraíba está avançando a 9% ao ano”, complementa o presidente das indústrias do estado, Francisco Gadelha. Ele diz mais: “Além do forte aumento do salário mínimo, os estados mais pobres se beneficiaram muito do Bolsa Família, o programa assistencial do governo. Somente no meu estado, o programa agregou 3% do PIB”.

Na avaliação de Fernando Gaiger, do Ipea, quando se olha isoladamente para o Bolsa Família dentro da renda total do país, o programa parece insignificante, pois representa apenas 1% dos recursos. Mas, para a secretária-executiva adjunta do Ministério do Desenvolvimento Social, Arlete Sampaio, a concessão de 11 milhões de benefícios tem sido fundamental para sustentar o crescimento, hoje dependente da demanda interna. “O Bolsa Família tem sido preponderante para a redução das desigualdades sociais. Para comprovar isso, basta ver o resultado da Pesquisa Nacional de Domicílio (Pnad) de 2006. O programa, que paga entre R\$ 60 e R\$ 120 por mês por pessoa, atinge aqueles que estavam em situação de extrema pobreza, segregados do consumo”, ressalta.

Para Gaiger, tanto o salário mínimo quanto o Bolsa Família já cumpriram a missão de estimular a mobilidade social e de ampliar o mercado de consumo. “Os dois instrumentos foram determinantes para a redução do índice Gini, que mede as desigualdades e está no seu menor nível: 0,541 — quanto mais distante de um, melhor”, admite. A partir de agora, porém, o que ampliará o poder de compra da população e incrementará a classe média brasileira será o crescimento econômico e a maior qualificação da mão-de-obra. “Não podemos deixar que voltemos ao passado, quando os ricos, que tinham melhor educação, ficavam com as melhores vagas no mercado de trabalho, agravando as distâncias sociais”, frisa.

ALAVANCAS SOCIAIS

O controle da inflação, a queda dos juros, os programas sociais e a formalização do mercado de trabalho tiraram muitos brasileiros da miséria. Pelo menos 20 milhões de pessoas foram para a classe média desde 2003

Rendimento médio dos trabalhadores (Em R\$)

O salário médio completou quatro anos consecutivos de alta. Ainda que a elevação não tenha sido expressiva, deu novo fôlego ao consumo das famílias

2001	878
2002	857
2003	792
2004	792
2005	828
2006	888
2007 (*)	950

Empregos formais (Em mil)

A abertura de vagas com carteira assinada tem batido recordes em todo o país. Esse movimento é importantíssimo para frear a informalidade da economia

2001	960,9
2002	1.494,2
2003	861,0
2004	1.862,6
2005	1.831,0
2006	1.916,6
2007 (*)	2.100,0

Massa salarial (Evolução em %)

É o resultado dos rendimentos e do número de empregos formais da economia. A expectativa dos economistas é de que a massa continue se expandindo, fortalecendo o consumo

-1,9	2001
3,8	2002
7,6	2003
8,1	2004
11,9	2005
9,0	2006
5,0	2007 (*)

Taxa média de desemprego (Em %)

Apesar do aumento da população economicamente ativa, o número de pessoas sem trabalho está em declínio devido ao crescimento mais forte da economia

11,7	2001
12,3	2002
11,5	2003
9,8	2004
9,9	2005
9,5	2006
8,9	2007 (*)

(\*) Estimativas

Crédito à pessoa física (Em R\$ bilhões)

Os consumidores brasileiros nunca tiveram tanto acesso ao crédito, um forte complemento de renda. A oferta maior de recursos está associada a prazos mais longo dos crediários

Dez/04	138,5
Dez/05	190,7
Dez/06	237,9
Jul/07	282,6
Ago/07	290,4
Set/07	295,7
Out/07	304,9

Índice Gini (\*\*)

Os programas sociais, a formalização do trabalho e o acesso ao crédito estão reduzindo as desigualdades sociais. Quanto mais distante o índice for de um, menor é a concentração de renda

1999	0,567
2001	0,566
2002	0,563
2003	0,554
2004	0,547
2005	0,544
2006	0,541

(\*\*) Não houve dados em 2000

Fonte: Banco Central, IBGE, Ipea e Ministério do Trabalho

